

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

## **O futebol como “macro-tema” em tempos de ditadura: Brasil (1970) e Argentina (1978).**

Marcos Maurício Alves da Silva (doutorando FFLCH)

### **Introdução**

Neste trabalho, temos o objetivo de analisar como a construção de alguns dos ethos dos discursos de militares do Brasil e da Argentina em épocas próximas às Copas do Mundo de 70 e 78 são incorporados pelo discurso da mídia — esportiva ou não — em ambos os países. Para tanto, analisaremos enunciados das revistas *Placar* (Brasil) e *El Gráfico* (Argentina) — duas das maiores publicações esportivas dos países estudados —, assim como as músicas temas das duas Copas e o editorial de uma revista semanal argentina (*Siete Días Ilustrados*).

Na primeira parte deste trabalho, apresentamos o nosso recorte teórico sobre o ethos (Maingueneau 2001, 2004, 2006, 2008) que nos ajudará nas análises dos textos selecionados. Na segunda, analisamos fragmentos de dois discursos de Médici pronunciados pouco tempo antes da Copa do Mundo de 1970. Foi possível perceber, nesses discursos, a formação de ethos que são incorporados pela mídia. Na terceira, vemos como no discurso do presidente Videla na abertura da Copa de 78 se constituem ethos que serão incorporados pela mídia esportiva e também não esportiva. Na quarta e última parte deste trabalho, detectamos algumas regularidades enunciativas que podem nos ajudar a perceber como se dá a construção dos discursos sobre o futebol das Copas de 70 e 78 no Brasil e na Argentina, respectivamente. Selecionamos então o slogan oficial da Copa de 78 como exemplo de análise e, por fim, terminamos com uma conclusão sobre a incorporação do ethos dos militares pela mídia esportiva e não-esportiva quando o assunto é o futebol.

### **1. O ethos**

Maingueneau (2001) chama de ethos a dimensão da cenografia na qual a voz do enunciador se associa a certa determinação do corpo e mostra que essa voz tem o poder

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

de exprimir a interioridade do enunciador e de envolver o co-enunciador fisicamente. Segundo o autor, cada texto pode ainda ter vários ethos diferentes em momentos diferentes.

O ethos está, dessa maneira, vinculado ao exercício da palavra, ao papel que corresponde a seu discurso, e não ao indivíduo “real”, apreendido independentemente de seu desempenho oratório(...) (2001:138)

Tal desempenho oratório não tem que ser necessariamente oral, pois todo texto tem sua “vocalização”, tem um enunciador, “uma origem enunciativa que atesta o que foi dito” (*idem*: 139). Para ampliar esse conceito de voz do texto, Maingueneau fala sobre o “tom” e que este pode ser empregado em todos os textos escritos. O tom de um texto não tem a ver necessariamente com o autor: é, antes de tudo, uma representação do enunciador que o co-enunciador deve construir por meio do que “ouve” do texto. A representação tem o papel de um *fiador* que possui uma corporalidade e um caráter; ambos com a intenção de dar ao co-enunciador marcas de como é o corpo e o caráter desse “tom”. Nesse processo há ainda o fenômeno da *incorporação* (2006:65), que é uma maneira pela qual o destinatário se apropria desse ethos; na *incorporação* o destinatário assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo. A *incorporação* permite ainda a constituição de um corpo da comunidade imaginária dos que aderem ao mesmo discurso. Neste trabalho, procuramos mostrar como determinados discursos oficiais dos militares são *incorporados* pelos discursos da mídia.

Ainda segundo Maingueneau, “o ethos é uma noção discursiva; ele se constitui por meio do discurso, não é uma ‘imagem’ do locutor exterior à fala (...) é fundamentalmente um processo *interativo* de influência sobre o outro” (grifo no original, 2006: 63). Nos textos analisados, vemos que os discursos dos militares (neste caso Médici e Videla) mostram-se com características muitas vezes similares. É possível entrever em seus discursos alguns ethos que aqui denominamos “ethos de paz”, “ethos de harmonia” além de outros que aparecerão nas análises nos pontos 2 e 3.

Segundo Charaudeau (2006), o ethos político é o resultado de uma alquimia complexa feita de diversos traços pessoais, relacionando-se às expectativas vagas dos cidadãos, por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essa

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

maneira de ser. Esse autor vê ainda o ethos como um duplo imaginário corporal e moral, ou como um imaginário que se “corporifica”.

## 2. Médici: discursos anteriores à Copa. Ethos que se propagam.

Durante os jogos da Copa de 70, o presidente Médici falou várias vezes por telefone com jogadores e com a delegação da seleção brasileira no México. Nessas ligações, o presidente fazia papel de torcedor, elogiando o desempenho dos atletas e fazendo referência à “nossa vitória final”. Os jogadores e a comissão técnica pareciam mostrar-se animados com isso: “Quando jogamos sentimos que entre os milhões de brasileiros que nos acompanham está o nosso presidente, e isso é bom” (Folha de São Paulo, 16/06/70), dizia um dos jogadores que não foi identificado na matéria. São poucos os comentários de Médici sobre futebol durante a Copa de 1970, resumindo-se basicamente a essas conversas telefônicas transcritas nos jornais<sup>1</sup>. No entanto, podemos observar em outros discursos do presidente, em nada relacionados ao futebol, uma série de ethos que parecem propagar-se nos comentários sobre esse esporte nas revistas especializadas sobre o tema, como é o caso de *Placar*.

Em discurso intitulado *Visão do Nordeste*, por ocasião do encerramento da reunião do Conselho Deliberativo da SUDENE<sup>2</sup>, Médici ressalta a importância da união de “todos os brasileiros” em prol de um bem comum:

Apelo à consciência nacional, para que **todos os brasileiros** sintam que o Nordeste não é um problema distante, não pertence só ao nordestino, **mas é um problema nacional, que toca a sensibilidade e o brio de todos nós**. (...) com a ajuda de **todos os brasileiros** e com a ajuda de Deus, o Nordeste afinal haverá de mudar. (1971: 77)<sup>3</sup>

Em outro pronunciamento do presidente, no dia 01/05/1970, transmitido do Palácio das Laranjeiras para uma rede nacional de rádio e televisão, também podemos encontrar enunciados que tratam da união de todos os brasileiros. Vejamos:

Sempre que falo à Nação busco convocar **todas as consciências** para o grande esforço de realização de meu Governo, que é o de acelerar e antecipar o desenvolvimento brasileiro sem o qual a justiça social não pode prosperar. (1971: 37)

<sup>1</sup> Há também um discurso do dia 21/06/70 feito logo após a partida final, no qual enaltece os jogadores. Analisaremos este discurso mais adiante.

<sup>2</sup> Pronunciado em Recife, em 6/6/1970. Os discursos de Médici aqui analisados foram extraídos do livro “A verdadeira Paz”, elaborado em 1971 pelo Departamento de Imprensa Nacional e reunindo os pronunciamentos do presidente de abril a outubro de 1970.

<sup>3</sup> Todos os grifos nos discursos presidenciais são nossos.

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

Ou ainda:

Não me canso de dizer que o Brasil fala hoje a linguagem da verdade. (...) Amadurecido, sofrido e realista, **o trabalhador brasileiro é hoje menos espectador e mais participante.** (*idem*: 38)

Há nestes enunciados uma voz que conclama a participação. Médici tenta mostrar que fala a todos os brasileiros e que todos participam da mesma forma da construção do país; isso nos leva a constatar que há aqui o que podemos chamar de ethos de participação.

Na revista *Placar* de 22/05/1970, encontramos o seguinte enunciado na reportagem *Desabafo do moço que perdeu a paz: Tostão*:

O olho esquerdo de Tostão, ao sofrer nova hemorragia na quarta-feira da semana passada, dia 13, transformou-se outra vez em assunto nacional, preocupando você, Zagallo, Pelé, o Presidente Médici, o cartola João Havelange, todos os 90 milhões de técnicos espalhados pelo Brasil. (p. 2)

Aqui é possível observar que o texto coloca numa sequência termos como *você, Zagalo, Pelé, o Presidente Médici, o cartola João Havelange e todos os 90 milhões de técnicos*. Dessa forma, o texto tenta atribuir a mesma importância tanto ao leitor (*você*) quanto ao técnico, aos jogadores, ao presidente e também inclui a participação de todos os brasileiros (*90 milhões de técnicos*). Portanto, conforme antecipamos no item 2, parece haver aqui uma *incorporação* (Maingueneau: 2006, 2008) que permite a construção de um corpo da comunidade imaginária. Tanto nos discursos do presidente citados anteriormente quanto no texto de *Placar* sobre o Tostão, há um ethos de participação, uma tentativa de mostrar que todos os brasileiros estão unidos nos momentos de dor ou de glória. A parte final do enunciado de *Placar* que analisamos também nos remete à mais popular canção brasileira alusiva à Copa de 70: com letra e música de Miguel Gustavo, “Pra frente Brasil” até hoje é lembrada como um símbolo do evento e tem como versos iniciais “Noventa milhões em ação, / pra frente Brasil do meu coração”. A expressão “90 milhões”, conforme mostrado, foi retomada no texto de *Placar* de forma a tentar mostrar que todos os brasileiros estão unidos, não só na felicidade que exalta a música, mas também na dor causada pela incerteza da recuperação do jogador Tostão.

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

O texto de *Placar* também tenta mostrar o presidente como um mais na multidão, um cidadão igual a qualquer outro. Podemos ver que Médici também buscava mostrar-se dessa forma em seus discursos, como naquele pronunciado logo após a vitória do Brasil no México:

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no presidente da República, **um brasileiro igual a todos os brasileiros, como um homem comum, como um brasileiro** que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável nesse país e nesse povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração do que a alegria de ver a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica. (1971: 83)

Em outros enunciados de Médici encontramos também o que denominaremos ethos de harmonia. O presidente parece querer mostrar (além de si mesmo como um participante mais do povo e de unir a todos, conforme vimos no ethos de participação) o quanto seu governo gera a possibilidade de harmonia entre todos e o desejo de união dos cidadãos brasileiros. Podemos observar no já mencionado discurso aos trabalhadores (01/05/1970) que a harmonia é uma presença constante e que Médici mostra-se como aquele que “dará de tudo” para estabelecê-la entre todos:

Atentos ao desenvolvimento e à justiça social, **daremos tudo de nós para dignificar e harmonizar o trabalho**, sempre combatendo, de forma equidistante, o egoísmo e a revolta, pois é, **na harmonia da comunidade do trabalho** e na mão generosa do operário, que imita um pouco e sempre a Deus, **que se unem as vontades, que se soldam os corações e que nos fazemos irmãos**, para construirmos a sociedade próspera e democrática do sonho de todos nós. (1971: 42-43)

Neste fragmento encontramos também dois enunciados que se reportam à união: no primeiro caso, uma união de vontades; no segundo, o “soldar os corações”. Ambos os enunciados podem nos remeter novamente ao refrão da música “Pra Frente Brasil”, no qual encontramos os seguintes versos: “De repente é aquela corrente pra frente, / Parece que todo o Brasil deu a mão... / Todos ligados na mesma emoção... / Tudo é um só coração!”. Soldar os corações geraria um só coração. Dessa forma, é possível constatar que há em ambos os textos imagens recorrentes.

A harmonia também está presente nos textos que falam sobre o futebol. Na revista *Placar* de 19/06/1970 há uma análise sobre o porquê de a seleção brasileira gerar uma “Revolução no futebol”; podemos notar que a explicação se dá de forma a exaltar a

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

harmonia entre os jogadores e a comissão técnica, “uma perfeita ordem fora de campo, disciplina impecável, nenhuma briga, nenhuma discussão” (número 14: 12).

Em seu discurso após o jogo final, Médici diz:

Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma **harmoniosa equipe**, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. (1971: 83)

Também ao falar para os trabalhadores, Médici exalta o “ritmo responsável do progresso” (1971: 38). Na revista *Placar*, ainda na explicação sobre a “revolução no futebol”, vemos:

Nosso time joga na defesa, mas seu ataque é o mais poderoso desta Copa. O segredo? **Disciplina tática**, apenas.

A perfeição em campo: jogadores **mantendo o mesmo ritmo durante noventa minutos**, sempre correndo mais do que o adversário. Um esquema defensivo cumprido rigorosamente: cada jogador domina seu espaço no gramado como se fosse o último jogo de sua vida. (Placar 14: 12).

Ou seja, tanto Médici — ao exaltar os trabalhadores e a possibilidade de conquista do “ritmo responsável do progresso” — quanto *Placar* — ao tratar do desempenho dos jogadores — atribuem uma fundamental importância à disciplina.

### 3. A abertura da Copa de 1978. Um discurso de paz e união?

Na abertura da XI Copa do Mundo de Futebol, em 01/06/1978, o presidente da Argentina, Jorge Rafael Videla, no estádio do River Plate, em Buenos Aires, fez um discurso que foi denominado *Bajo el signo de la paz*. Vejamos o discurso na íntegra e depois analisaremos como ethos presentes neste discurso estão incorporados, de alguma forma, a discursos sobre a Copa tanto na revista *El Gráfico* como na revista *Siete Días* :

Señoras, señores. Hoy, es un día de júbilo para nuestro país, la Nación Argentina. Dos circunstancias concurren a este efecto: la iniciación de un evento deportivo en escala internacional, como lo es este Campeonato Mundial de Fútbol 1978 y, por otro lado, la amistosa visita de miles de mujeres y hombres que, procedentes de las más diversas regiones de la tierra, nos honran hoy con su visita, con una sola condición de su buena voluntad, en un clima de afecto y de respeto recíproco. Y es justamente la confrontación en el campo deportivo y la amistad en el campo de las relaciones humanas que nos permiten afirmar que es posible, aún hoy, en nuestros días, la convivencia en unidad y en la diversidad. Única forma para controlar la paz. Por ello pido a Dios, Nuestro Señor,

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz, esa paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo; esa paz dentro de cuyo marco el hombre pueda realizarse plenamente como persona, con dignidad y en libertad. En el marco de esta confrontación deportiva, caracterizada por su caballerosidad, en el marco de la amistad entre los hombres y los pueblos y bajo el signo de la paz, declaro oficialmente inaugurado este Onceavo Campeonato Mundial de Fútbol 1978. Muchas gracias.

Neste discurso, dois são os ethos que analisaremos. Ao primeiro chamaremos de ethos de paz, no qual o enunciador parece querer mostrar-se como um possível pacificador, um agente capaz de trazer para todos os cidadãos a paz que se espera. O segundo é o ethos de receptividade, perceptível no receber a todos da melhor maneira possível como forma de mostrar-se honrado com a visita dos estrangeiros. Estes ethos que entrevimos no discurso do presidente, de alguma forma, aparecem também nos discursos sobre o futebol na mídia e também na música escolhida como hino da copa de 78.

### 3.1 Ethos de paz

No discurso que citamos anteriormente, Videla afirma:

(...) única forma para controlar la paz. Por ello pido a Dios, Nuestro Señor, que este evento sea realmente una contribución para afirmar la paz, esa paz que todos deseamos para todo el mundo y para todos los hombres del mundo; esa paz dentro de cuyo marco el hombre pueda realizarse plenamente como persona, con dignidad y en libertad.

Aqui a paz é o tema central. Videla declara esperar que o Mundial possa trazer a todos os povos do mundo a paz desejada. No entanto, no começo do fragmento acima vemos que não se trata de qualquer paz, e sim de uma *paz controlada*. E nos fica uma pergunta: controlada por quem?

O editorial da primeira revista *El Gráfico* (06/06/78) após a abertura da Copa intitula-se *Para los de afuera y para los de adentro. GRACIAS AL FÚTBOL*. Todo o texto é uma série de elogios à organização e ao público. No primeiro parágrafo do texto está o seguinte enunciado:

(...) Nos sigue emocionando cómo el país todo recibió a los visitantes y el **entusiasmo medido, la euforia educada**, con que el público asistió en las tribunas y en las plateas. (Grifo nosso)

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

Vemos aqui uma amostra dessa “paz controlada” que mencionava Videla em seu discurso durante a inauguração do mundial. Percebe-se que, segundo o editorial, o público teve um entusiasmo medido e uma euforia educada, ou seja, parecem felizes (em paz?), mas como uma felicidade controlada, assim como a paz desejada a todos pelo presidente argentino.

Já no editorial do suplemento extra da revista *Siete Días Ilustrados* de 26/06/1978, no qual se mostrava a celebração sobre a vitória da seleção na final da Copa desse ano, encontramos o seguinte enunciado:

Estamos orgullosos de lo que hemos podido mostrar al mundo. Pero también porque sentimos que hemos encontrado una fe nueva y galvanizadora. Para decirlo con la más recatada emoción, nos olvidamos de las proporciones colosales de este suceso. **Hemos visto cinco chicos de 12 a 7 años, solos, sin público, marchar cantando “Vamos, vamos Argentina...” al ritmo de unas viejas tapas de aluminio, serios, concentrados.** Fue como ver un milagro, de sentirse partícipe de él, de palpar un asombroso reencuentro. Por eso hablamos de gloria y creemos haber vivido algo más que un triunfo deportivo. (grifo nosso)

Vemos aqui outra referência à “paz controlada”. O enunciador do texto desse editorial — que se enuncia em *nós*<sup>4</sup> — se diz emocionado ao ver garotos marchando, sozinhos na rua, sem público, mas sérios e concentrados. Ao comemorar uma vitória espera-se que os que a comemoram estejam, quase sempre, em situações muito diferentes das mostradas aqui. Espera-se que aqueles que comemoram não estejam sérios nem concentrados, principalmente tratando-se de crianças. O que se vê neste fragmento pode ser uma *incorporação* do discurso militar.

É aceitável dizer que o discurso de paz dos militares foi *incorporado* pela mídia e isso se percebe na possibilidade de que se trazem à tona enunciados que mostram uma alegria e uma paz controladas como algo bom para todos.

### 3.2 Ethos de receptividade.

Ainda no discurso da inauguração da Copa 78, Videla declara:

Señoras, señores. Hoy, es un día de júbilo para nuestro país, (...) la amistosa visita de miles de mujeres y hombres que, procedentes de las más diversas regiones de la tierra,

---

<sup>4</sup> Conforme analisaremos no item 4, o *nós* é uma constante nos discursos sobre o futebol durante a Copa de 78.

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

nos honran hoy con su visita, con una sola condición de su buena voluntad, en un clima de afecto y de respeto recíproco.

O presidente se diz feliz por receber a tantos estrangeiros que foram ao país. Supõe-se que num discurso de inauguração de um evento com a importância da Copa seja praxe que o encarregado de pronunciá-lo acabe de alguma forma agradecendo a visita dos presentes, mostrando-se receptivo aos que chegam de fora. No entanto, vemos que a mídia também incorpora esse discurso de receptividade aos estrangeiros, conforme aparece no já referido editorial de *El Gráfico*:

Nos sigue emocionando cómo el país todo recibió a los visitantes y el entusiasmo medido, la euforia educada, con que el público asistió en las tribunas y en las plateas.

Marcas desse ethos de receptividade também podem ser vistas no hino da Copa da Argentina, a “*Marcha del mundial 78*”, de Martín Vicente Darré.

(...) Con amor recibiremos / Con honor en la victoria o la derrota / Palpitando igual, nuestro corazón / Luciremos nuestra imagen / En deporte y en cultura / Brindaremos a hermanos de otras tierras / Nuestra proverbial hospitalidad./ Mundial la justa deportiva sin igual.

É possível ver nesse fragmento que o mais importante do mundial não era a vitória, a importância centra-se em apresentar-se cordialmente, mostrar-se receptivo. Voltando ao editorial de *El Gráfico*, fica claro que antes da Copa o discurso não era de fato o da vitória, e sim o da conquista da possibilidade de mostrar ao mundo que a Argentina era capaz de fazer de forma organizada uma Copa: “*Y esto no tiene nada que ver con los resultados futbolísticos. ARGENTINA YA GANÓ SU MUNDIAL*” (El Gráfico, n. 3061. 06/06/78)

#### **4. Slogan da Copa de 78. Uma análise de regularidades enunciativas.**

Como argumento central deste trabalho, vemos que os discursos militares de alguma forma permeiam os discursos jornalísticos sobre o futebol durante as Copas de 70 e 78. Podemos ver, por exemplo, o slogan sobre a Copa na Argentina e reminiscências desse slogan em alguns enunciados da revista *El Gráfico*. O slogan oficial da Copa do Mundo da Argentina era “*El Mundial tenemos que jugarlo todos los argentinos*”. É possível perceber aqui que há uma inversão na ordem das partes da

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

oração. O sujeito “*todos los argentinos*” deslocado para o final e o objeto “*el mundial*” no início da oração faz com que o leitor-ouvinte dessa frase sinta como ponto mais importante o Mundial. Além disso, o uso da perífrase de obrigação *tener que + infinitivo* com o *tener* na primeira pessoa do plural, parece incluir o enunciador não só como pessoa que dá uma ordem ou sugestão, mas também como agente da realização desse pedido. O **nós**, segundo Benveniste (2006), não é necessariamente um plural, mas sim um **eu** ampliado. Indursky (1997) afirma que “o **nós** designa conjuntos lexicalmente não-nomeados, nós os entendemos como uma *não-pessoa discursiva*.” (p.66). Podemos ver, então, no slogan da Copa da Argentina uma mostra que esse pedido — não totalmente impessoal — está destinado, talvez, a fazer com que, de forma mais amena, os interlocutores aceitem e acatem esse pedido, uma vez que é dirigido não só a um indivíduo, mas também ao próprio enunciador. Esse **nós** que une a todos também aparece na “*Marcha del Mundial 78*”, de Martín Vicente Darré, música composta para ser o hino da Copa de 78, cujo verso inicial é “*25 millones de argentinos jugaremos el mundial*”; assim como “Pra frente Brasil!”, música da Copa de 70 no Brasil, a letra do hino argentino começa com o número total de habitantes do país, mostrando que todos estarão unidos em busca da vitória. A expressão “*jugaremos el mundial*” retoma o slogan da Copa, mas aqui sem uma conotação de obrigação, mas já como afirmação da ação, *jugar el mundial*. Dessa forma, a população deixaria de ser mero espectador para transformar-se também em jogador, implicada portanto na busca pelo título.

Este slogan oficial era uma forma de unir a população em prol de uma vitória que, segundo os mandatários, não seria unicamente da seleção, mas sim de todos os argentinos. A mídia em geral tratou de seguir esses discursos de união e exemplo disso é a revista *El Gráfico* (junho de 1978), na qual é possível encontrar enunciados como os que seguem:

*Entramos en la historia... / A este gol lo **empujamos** entre todos. / Cada vez **estamos** más cerca. / Aquí **nos quedamos** sin Ardiles.*

Pode-se perceber nestes enunciados e no slogan oficial que o ideal de união entre todos os argentinos é uma constante do discurso durante o período da Copa de 1978, não só no discurso militar, mas também nos discursos sobre o futebol.

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

## 5. Considerações finais

Foi possível mostrar neste trabalho que tanto o ditador argentino Videla como o brasileiro Médici têm em seus discursos um apelo à paz. Os discursos de Médici aqui analisados foram todos, como já dissemos anteriormente, extraídos de um livro intitulado *A Verdadeira Paz* e o discurso de Videla na abertura da Copa foi denominado *Bajo el signo de la Paz*. Tanto esse ethos de paz como os de receptividade e harmonia acabam sendo incorporados de alguma maneira pela mídia esportiva da época e, conforme apontamos ao longo de nossa exposição, há outros espaços nos quais esses ethos também ressoam, tais como nos hinos das Copas ou em revistas não necessariamente especializadas em futebol.

## Bibliografia

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. 2<sup>a</sup>. ed. Campinas: Pontes, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. *O Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- INDURSKY, Freda. *A fala dos quartéis e as outras falas*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- MAINGUENEAU, Dominique e CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001
- \_\_\_\_\_. *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2006.
- \_\_\_\_\_. A propósito do Ethos. In: MOTTA, Ana Raquel e SALGADO, Luciana. (orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MÉDICI, Emílio Garrastazu. *A verdadeira paz*. Departamento de Imprensa Nacional, Secretaria de Imprensa da presidência da República, 1971.

## Jornais e revistas.

Folha de S. Paulo. 16/06/1970. p. 26.

0034 - Marcos Maurício Alves da Silva

Revista “El Gráfico” n. 3061 06 de junho de 1978. Editorial.

Suplemento Extra da Revista “SIETE DÍAS Ilustrados” de 26 de junho de 1978.  
Editorial

### **Músicas e vídeos:**

25 millones de Argentinos - Mundial 78. In:

<http://www.youtube.com/watch?v=TJwvnmTZaBI&feature=related>. Acesso em: 10/04/2010.

Pra frente Brasil <http://vagalume.uol.com.br/os-incriveis/pra-frente-brasil.html>. Acesso em:  
10/04/2010.

Discurso pronunciado pelo presidente da Nación Argentina, Jorge Rafael Videla, no estádio do River Plate, em Buenos Aires, na abertura da XI Copa do Mundo de Futebol, em 01 de junho de 1978. <http://www.youtube.com/watch?v=itCMqnLu2nY>. Acesso em:  
10/04/2010.